

COLLECTIF, Achille Mbembe, et al. 2017. *Écrire l’Afrique-Monde*. Paris; Dakar: Ed. Philippe Rey; Jimsaan.

Antonia Costa de Thuin

Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade/Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

antonia.dethuin@gmail.com

A primeira década do século XXI viu uma virada no pensamento-mundo. A Europa, antes centro incontestável de criação de pensamento, começa a dividir espaço com outros centros de produção de conhecimento, e com outros pensadores que colocam em questão a centralidade e hegemonia da produção europeia. Achille Mbembe, camaronês, em artigo publicado na coletânea *Penser et écrire l’Afrique aujourd’hui* chama esse movimento de “a África que vem”, um continente que chega e se faz ouvido, com pensamento e produção de conhecimento, e que coloca em questão a universalidade e centralidade europeias do pensamento.

Os *Ateliers de la Pensée* são fruto dessa virada no pensamento, e em sua primeira edição partiram do encontro do filósofo Achille Mbembe e do economista Felwine Sarr, que o organizaram com a ideia de um fórum de discussão sobre o continente africano e a diáspora a partir do ponto de vista de pesquisadores africanos e diaspóricos. Com a primeira edição em 2016, e duas edições seguintes, além de um *workshop* para projetos de doutoramento, se tornou um espaço de discussão e renovação do pensamento africano e afro diaspórico de expressão francesa, tomando a questão do universal como centro do debate, em oposição aos estudos pós-coloniais comuns entre os falantes da língua inglesa. O encontro durou dois dias, com debates públicos e privados entre os pensadores¹, e contou com a participação de pensadores como Séverine Kodjo-Grandvaux e Souleymane Bachir Diagne. A estrutura era de debates durante dias internos entre os intelectuais, seguidos de noites em debate com alunos de universidades locais e interessados nos assuntos, em

¹ A programação da primeira edição pode ser vista em <https://lesateliersdelapensee.wordpress.com/a-propos/> e as mesas das duas edições seguintes estão disponíveis em <https://www.youtube.com/channel/UCSAs9KpZm4K3BcuVtTnd-HA/videos>. Acesso em: 18/02/2022.

uma praça de Dacar e em um grande auditório em Saint Louis, no Senegal.

O Livro *Écrire l'Afrique-Monde* é o primeiro fruto impresso desses encontros, uma coletânea de artigos publicados como resultado da primeira edição do encontro *Ateliers de la Pensée*, realizado em Dacar e Saint Louis, no Senegal, em 2016. Conta com 21 artigos, realizados pelos participantes do encontro, divididos em cinco grupos, numerados e não nomeados propositadamente, pois, os textos se entrecruzam, os temas se sobrepõem e reaparecem, apesar de podermos tentar buscar um, em comum em cada grupo apresentado. Os textos abordam desde a relação colonial e decolonial até as perspectivas de futuro dentro dessa África contemporânea, a partir do ponto de vista específico de cada pensador, dentro de suas vivências e suas áreas de expertise. O objetivo, reiterado na introdução assinada pelos dois organizadores do evento, é ouvir vozes plurais que possam falar das realidades do continente em e as realidades do mundo, usando a expressão de Édouard Glissant, pensar o “*Tout-Monde*”, e pensar numa possibilidade de escrita-mundo que passe pelo continente africano, que não mais o exclua, por se reconhecer as dinâmicas e possibilidades do espaço africano e do espaço diaspórico – aqui considerando as diásporas causadas pelo tráfico de escravizados e a diáspora atual. A introdução, não por acaso, se intitula “*Penser por um nouveau siècle*” (Pensar para um novo século), e abre o espaço para lermos o restante dos capítulos com interesse sobre as visões apresentadas, que vêm de diversas áreas disciplinares, locais no mundo e formas de pensar. Se há uma ideia de interdisciplinaridade, ela passa sobretudo pela conversa entre pessoas com diferentes formações e diferentes origens.

A primeira seção conta com capítulos escritos por Mamadou Diouf, historiador senegalês; Nadia Yala Kisukidi, filósofa franco-congolesa; Souleymane Bachir Diagne, filósofo senegalês, e Benaouda Lebdaï, argelino especialista em literatura colonial e pós-colonial. Os quatro capítulos têm em comum a discussão a partir do universal europeu, propondo formas novas ou pouco aceitas até então, a partir de seus diferentes pontos de vista, de se pensar essa universalidade. Assim, Diouf apresenta a história como uma disciplina ocidental, que ignora o histórico produzido em outros espaços, reforçando a ideia de que, para existir a história desse universal atual, foi necessário o apagamento de histórias locais; Kisukidi chama atenção para a necessidade de decolonização da filosofia e de seus termos, da busca de um futuro epistêmico fora da diferença colonial; Diagne parte da filosofia muçulmana, da qual ele é especialista, para sugerir o universal como multiplicidade, não como multiplicação de devires, mas como multiplicidade de forças que já são completas em si, o universal tem ocupado cada vez mais o centro do pensamento de Diagne, que vê uma necessidade de descentralização do universal como fulcral para

os dias atuais; Lebdaï apresenta o papel dos migrantes de África nesse espaço de escrita-mundo e seu papel de desconstrução de fronteiras, a partir de diferentes textos.

A segunda parte traz capítulos de Leónora Miano, escritora camaronense; Maurice Soudieck Dione, cientista político e professor no Senegal; Blondin Cissé, sociólogo e professor no Senegal e Lydie Moudileno, professora de literatura africana na Universidade de Pensilvânia. Os quatro textos passam por uma discussão a respeito do “objeto África” nos estudos sociais e literários, e como atualizar e falar disso em suas diversas percepções e manifestações. Miano discute sobre o nome “África” e seus significados, e a necessidade de uma reapropriação dessa nomenclatura pelos que recebem o epíteto – que não é percebido por ela como elogioso, mas como uma marca legada a quem o carrega, um espaço de não pensamento –, a necessidade de criação, a partir dessa reapropriação, de um discurso e de uma realidade fecundos; Dione nos apresenta as questões epistemológicas embutidas em se pensar a África como algo externo, que levam a uma ideia de desenvolvimento que subalterniza muitas vezes todo o continente, ao ser pensado em termos econômicos e em relação à Europa, e a partir dessa crítica propõe um pensamento africano, não uma forma africana de pensar, mas um pensamento emancipado e com uma episteme ancorada em análises lúcidas e realistas do continente, para que o pensamento se expanda; Cissé propõe a reinvenção de uma modernidade africana, partindo de Frantz Fanon para exortar uma desalienação, uma saída da grande noite; e Moudileno coloca em questão o que chamamos de autor pós-colonial, e o papel que o esquema de produção literário como um todo, autores, críticos, professores, jornalistas e leitores, tem com o lidar com o transbordamento dessa produção, com a forma como se colocam caleidoscópios de criação e o imperativo de se quebrar esse espaço de apagamento em prol de uma.

A terceira parte vem com artigos de Hourya Bentouhami, francesa, professora de filosofia; Bonaventure Mve-Ondo, filósofo gabonês; Séverine Kodjo-Granvaux, jornalista francesa; Alain Mabanckou, escritor franco-congolês e Abdourahman Waberi, escritor do Djibuti; e Françoise Vergès, cientista política francesa. Em comum, podemos ver proposições de como pensar o futuro a partir do ser africano, como pode se dar essa construção. Bentouhami discute o que seria ser africano, ou ser negro, e a violência implicada na falta de linguagem e de poder do oprimido nesse contexto; Mve-Ondo propõe uma redescoberta do sentido que parte de se abrir mão do niilismo epistemológico, em um reencontro e reinvenção da modernidade como ponto de partida; Kodjo-Granvaux parte da necessidade de estima de si para se fazer sentido na busca por uma epistemologia africana descolada da europeia, o afeto como construção; Mabanckou e Waberi apresentam um dicionário amoroso do continente, um embrião do que posteriormente se tornou um livro escrito

a duas mãos; e Vergès fala da via das utopias e delas como emancipatórias, da criação e reinvenção das utopias como fato necessário para a criação de futuro em encontros e criação do Sul Global.

O quarto grupo de artigos nos traz contribuições de Parfait D. Akana, antropólogo e sociólogo camaronense; Ndongo Samba Sylla, economista senegalês e Abdourahmane Seck, antropólogo e historiador senegalês. Os três capítulos colocam questões do comum e da vida em sociedade no continente africano, explicitando o papel dos excluídos dentro desse espaço. Akana analisa o papel da mulher na sociedade camaronense e os desafios que ela enfrenta, face a uma violência endêmica, mas chamando atenção para o papel crucial do feminino na sociedade; Sylla coloca o desafio de desenvolvimento fora de um paradigma simples de sustentabilidade, evocando direitos políticos e econômicos para todos, com tempo livre para exercê-los, e para isso põe em xeque o sistema capitalista como resposta aos desafios do continente; Seck pensa o em comum a partir do acontecimento dos *Ateliers*, da partilha de conhecimento e vivências, a partir do ponto de vista senegalês sobre essas questões, e acredita que esse tempo dos comuns é construído a partir das periferias para o centro.

O quinto grupo, com artigos de Sami Tchak, escritor togolês; Bado Ndoye, professor de filosofia senegalês; Felwine Sarr, economista senegalês; e Achille Mbembe, professor de história e de ciências políticas na Universidade de Wistwatersrand, em Joanesburgo, na África do Sul. Os quatro capítulos voltam ao início, isto é, voltam ao tema do pensar e escrever a partir de África, a partir de um pensamento de um outro universal e de outra episteme, e funcionam como uma conclusão do que foi apresentado ao longo do livro, retomando também a ideia de intertextualidade e diálogo entre todos os capítulos. Tchak abre seu capítulo colocando a questão do escritor e sua busca pelo universal, no sentido do que toca a todos, e abre para falar da necessidade de se recusar o exotismo e abrir o diálogo para a leitura e escuta de diversas literaturas como importante para a busca de um escritor; Ndoye nos sugere um reencantamento do mundo, a partir de uma releitura de Sênghor e Nyerere, que propõe uma busca de um socialismo de um tempo novo, com valores de solidariedade; Sarr, ao apresentar formas de se escrever as humanidades a partir do continente africano, escreve sobre pensar o impensado da filosofia e das ciências sociais, uma busca por ampliação de todas as possibilidades do pensamento; e Mbembe, no último artigo do livro, volta ao título, e seu capítulo retoma as questões de busca pelo futuro, apresentadas ao longo do livro, e desse espaço africano tornado um espaço de espelho do resto do mundo. Aqui, como em uma carta de intenções, o pensador coloca questões para o leitor a respeito de como criar um futuro e em que termos esse futuro será criado.

O livro apresenta assim as questões discutidas e faladas ao longo do primeiro encontro em Dacar, ampliando o alcance e permitindo que outros entrem no debate, o que desde o início era intenção dos dois organizadores do ateliê. África como conceito e como possibilidade de futuro, bem como a abertura para novas questões e para se inserir em uma contemporaneidade que não permite apenas o ponto de vista europeu sobre a realidade. Achille Mbembe demonstra essa abertura em seu parágrafo final, uma série de questionamentos sobre o futuro, sobre o papel dos intelectuais, o papel do estado e do “mercado” dentro desses contextos. O livro assim sugere um pensar e projetar esses futuros, questionando o presente e o passado do pertencimento da África no mundo. O que perpassa os seus textos é essa inquietude dessa proposição política e intelectual, que permite a divisão nessas cinco e em outras partes, que permite uma relação entre os textos de complementaridade e não de suplementaridade, cada texto pode existir em si, mas se complementam, para dar uma ideia ao leitor do que foi o evento, para serem o início dessa proposição a partir do continente africano.

Recebido em 15 de janeiro de 2021.

Aceito em 14 de junho de 2021.